

Dialetologia e história da língua: sobre a génese e condicionamento de alguns traços das atuais variedades do Português¹

Maria José Carvalho

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra
(CELGA-ILTEC)

Abstract: This paper aims to describe historically four phenomena which currently show dialectal or social variation, and whose diachronic development, seen in the geographical location of their documentary evidence, leads us to believe that, in other periods of Portuguese linguistic history, they were found more generally throughout the country, especially in more peripheral dialects. The study underlines the need for a historical and geo-sociocultural framework for any linguistic phenomenon that currently shows variation within Lusophone areas, thus emphasizing the importance of an interdisciplinary vision when describing such features.

Keywords: Dialectology, History of Portuguese language, Dialectal variation, Linguistic geography, Varieties of Portuguese

Palavras-chave: Dialetologia, História da Língua Portuguesa, Variação dialetal, Geografia linguística, Variedades do Português.

Que falas, que discursos, que expressões dialetais corriam pelas ruas, pelos caminhos, e pelos campos? [...] Que falar, o do camponês, do pastor, do mesteiral ou do homem do mar? No Norte, no Sul, no litoral e na serra? Não o sabemos, nem decerto o saberemos nunca (Mattoso, 1993: II, 533).

1. Introdução

Propomo-nos analisar historicamente, e com base num estudo de *corpus*, os seguintes fenómenos: (i) Ditongação de [i] tónico e átono, caraterístico de alguns subdialetos madeirenses e açorianos (nomeadamente, da ilha Terceira); (ii) Velarização de lateral em final de sílaba, típico do atual falar alto-minhoto, de alguns subdialetos madeirenses e açorianos e da maior parte dos dialetos da variedade brasileira do português; (iii) Metáteses entre sons líquidos bem como a

¹ A Autora agradece os comentários e observações feitos pelos Profs. Ivo Castro e Rita Marquilhas, no âmbito da apresentação deste trabalho ao XXX ENAPL.



passagem de lateral a vibrante (com ou sem condicionamento assimilatório), característica das variedades diastráticas do Português Europeu e do Brasil; (iv) Moçarabismos de uso corrente, ou seja, formas que apresentam a conservação de -N- e -L-, indiciando uma camada linguística pré-Reconquista, com alguns vestígios no Sul do país.

O *corpus* que serviu de base a esta pesquisa é constituído por 153 documentos notariais originais, por nós transcrito, oriundo dos fundos do mosteiro cisterciense de Alcobaça, um importante centro na cultura portuguesa medieval. Integra uma coleção de documentos compreendidos entre 1289 e 1565,² que fazem parte da coleção *Mosteiro de Alcobaça*, 1ª e 2ª incorporações (IAN/TT), redigidos não apenas no mosteiro, mas também nas áreas periféricas sob sua jurisdição, os chamados “coutos”.

2. Análise do corpus

2.1 Ditongação de [i] tónico e átono

No *corpus* em análise, não deixa de causar perplexidade a existência de um traço registado nos documentos escritos em Alvorninha, a partir do último quartel do século XIV, muito especialmente porque se trata de uma particularidade exclusiva desse local: a ditongação de *i* (tónico e átono) que é, como se sabe, um traço caraterístico de alguns subdialetos do atual falar madeirense e açoriano. O couto de Alvorninha constitui um couto muito particular, na medida em que os documentos daí oriundos apresentam numerosas especificidades linguísticas que nos revelam a variação dialetal existente no então Portugal rural. Referimo-nos neste ponto ao processo gráfico <vuj>, fenómeno que apenas se regista nos documentos redigidos após 1375. Vejamos os exemplos seguintes³:

² Consulte-se Carvalho, 2006: 33-287. Os documentos são identificados por ano, local de redação e número, dentro da nossa coleção.

³ As percentagens apresentadas têm como referência todas as formas do documento que evidenciam os contextos mencionados. Importa salientar que é o mesmo tabelião, «Loys Lourêco, tabelyõ no dicto couto por El Rey», que redige os três primeiros documentos.



Tabela nº 1. Formas com <vuj> nos documentos do couto de Alvorninha

Documento	Formas e respetivos contextos	%
1377 Alv 50	«dũa courella de <i>viñha</i> »/«a dicta <i>viñha</i> » (2 v.)/«a meatade do <i>viñho</i> »/«o qual <i>viñho</i> »/«a meatade do dicto <i>viñho</i> »	86
1380 Alv 52	«e a uos, <i>Vujçent[e] Alc[ayde]</i> »/«cachar é <i>viñha</i> »/«cachados é <i>viñha</i> »/«a meatade do <i>viñho</i> »/«todo o dicto <i>viñho</i> »/«nas dictas <i>viñhas</i> »	75
1414 Alv 76	«este stromêto <i>vujrê</i> »/«de <i>vujnhas</i> e béés»/«almudes de <i>vujnho</i> »/«que fforã das <i>vujnhas</i> »/«pam e <i>vujnho</i> »	100
1444 Alv 100	«Ñeus bêes <i>mouijs</i> »	50
1450 Alv 104	«stomêto de fforo <i>vujrê</i> »/«metade da <i>vujnha</i> »/«cô <i>Vujçent[e] Domjgez</i> »/«cô o dicto <i>Vujçent[e] Domjgez</i> »/«as quaaees <i>vujnhas</i> »/«ffaçades <i>vujnha</i> »/«as dictas <i>vujnhas</i> »/«a metade do <i>vujnho</i> »/«côuê a flaber: o <i>vujnho</i> em o llagar»/«effcãpados <i>vujnhas</i> per a gyfa que dicto he»/«as dictas suas <i>vujnhas</i> ».	95

É curioso constatar que o jovem tabelião que escreve em 1377 e 1380 as formas *vyrem* e *vyrêm*, respectivamente, opta pela variante *vujrê* cerca de 34 anos depois, não obstante ela constar dos formulários diplomáticos. A falta de dados relativos às coleções documentais existentes impede-nos de extrair conclusões seguras relativamente a este tópico⁴, mas tudo leva a crer que a colonização da Madeira (a partir de 1425, por iniciativa de D. João I) e dos Açores (a partir de 1440, por iniciativa de D. Pedro, 1º Duque de Coimbra) se fez com populações oriundas da zona Centro-litoral portuguesa.

2.2 Velarização de lateral em final de sílaba ou palavra

Em final de sílaba – interior ou final – a lateral é habitualmente representada por *l*, mas a partir de 1425 *ll* começa a desenhar uma linha ascendente cujos valores percentuais ultrapassam *l* a partir de 1450, tornando-se estáveis a partir daí. Vejamos as tendências evolutivas das duas variantes gráficas:

⁴ O fenómeno foi, igualmente, registado em documentos galegos nas formas *uuias* ‘vinhas’ (1296 P 110) e *uia/uuia* ‘vinha’ (1296 P 109) (Maia, 1997: 473 e 623).





Figura nº 1. Evolução das tendências de *l* e *ll* a entrar sílaba ou palavra.

Se, como afirma E. Williams, «final *ll* and *ll* before a consonant (...) indicates the velar sound [ɣ] which *l* still has in these positions today» (Williams, 1962: § 30)⁵, podemos concluir que essa pronúncia velarizada começou a difundir-se já nos finais do século XIV⁶. Assim, poderá ver-se nessa grafia uma forma de reforço do *l*, uma vez que nessa posição a sua pronúncia seria extremamente relaxada, dando facilmente lugar à velarização (e posterior vocalização em [w], última fase do processo). A aceitar essa hipótese, seria, pelo menos, expectável que por volta de 1500, ano da descoberta do Brasil, um falante comum já realizasse como [ɣ], em média, em mais de 50% dos contextos fónicos, como sugere o gráfico acima⁷. Que essa pronúncia velarizada já

⁵ Não precisando a cronologia dessa pronúncia, Joseph Huber afirma que «O *l* final, tal como o *l* antes de qualquer consoante, deve ter sido, já na época arcaica, um “*l* guturalizado”, um “*l* cavo” ou “*l* dorsal” (...). É o que parece indicar a grafia muito frequente *ll* para o *l* simples; deste modo, a pronúncia gutural do *l* nesta posição estaria atestada pelo menos desde o séc. XIV: *estavell, abryll, Portugall* (...)» (Huber, 1986: 141).

⁶ A primeira abonação data, aliás, de 1291: *Allcobaça ~ Alcobaça* (1291 Alc 2), mas trata-se de uma abonação extemporânea num documento que é, em múltiplos aspetos, bastante inovador. Os exemplos encontrados ao longo do século XIV são, normalmente, variantes gráficas do representante histórico de MILLE, o que nos poderia fazer pensar numa eventual influência da grafia do étimo: *m[i]ll* (1352 Ped 38), *mill* (1353 SC 39 e 1383 Alj 53), *mjll* (1393 Alj 61 e 1396 Ped 62), mas a partir do último ano do século XIV a grafia *-ll* começa a proliferar em outro tipo de formas que não possuíam LL no seu étimo: *all* (1421 Evo 80), *amjgaujll* (1402 MA 67), *carryll* (1419 MA 79), *ffiellmente* (1419 MA 79), *Gill* (1416 MA 78), *fignall* (1399 MA 65), *máll* (1402 MA 67), *Natall* (1416 MA 78), *Portugall* (1399 MA 65), etc. Note-se que, retomando o estudo de José Leite de Vasconcelos sobre a consoante em estudo, e baseando-se em factos estatísticos dos *Portugaliae Monumenta Histórica. Diplomata et Chartae*, Leif Sletsjøe considera a hipótese de a velarização ter começado já em época que precede a formação do romance: «Notre étude suscite d’autres questions, la plus intéressante desquelles concerne le *l* final de syllabe – ainsi le *l* des groupes *l* + cons. – et sa dévelarisation possible dans une époque qui précède immédiatement la formation de la langue portugaise» (Sletsjøe, 1954-1955: 15).

⁷ Em rigor, os dados apontam para uma percentagem de 56,8%. Clarinda de Azevedo Maia afirma, a este propósito, o seguinte: «Não disponho de elementos que permitam confirmar que há uma relação inegável entre esse tipo de grafia e a realização de /l/ em posição pós-vocálica. *Estou, porém, convencida de que essa variante velarizada existiu desde a fase mais antiga da história da língua*» (Maia, 1997²: 496. (O sublinhado é da nossa responsabilidade).



teria evoluído para a vocalização em [w], provocando reflexos em formas dos documentos do século XV, atesta-o o documento 1478 MA 123, que evidencia *boouffaria* ‘bolsaria’ ou, já no século seguinte, o documento 1526 Ped 145, onde se regista a forma metatizada, com síncope de vogal postónica *creuguo* (*clerigo* > *creliguo* > *crelguo* > *creuguo*). Contudo, não sabemos qual o grau de generalização desta vocalização no território português, para propor dados sobre esta última difusão na época da descoberta do Brasil.

2.3. Os fonemas líquidos (vibrantes e laterais)

2.3.1. Troca de *l* por *r*⁸ e de *r* por *l*

Em final de sílaba, *l* surge, por vezes, substituído por *r*, eventualmente em virtude de uma pronúncia fortemente relaxada, nesse contexto: *Carualhar* top. (1299 Alc 7), *cafar* ‘casal’ (1291 Alc 2) e *fyluar* top. (1436 Alf 93). Essa substituição ocorre, igualmente, em posição interior (a iniciar sílaba), em contextos assimilatórios: *ortariça* (1409 MA 72, 2 v.). O grafema <r> representante da vibrante simples surge, por vezes, substituído por <l>. O fenómeno parece ter sido mais frequente na onomástica, como indiciam os exemplos seguintes:

*Catalina*⁹ (1345 MA 33, 3 v.), *Cataljna* (1346 SC 34), *Catelina* (1306 Cós 12), *Cateljna* (1425 MA 84, 2 v.), *Cataljna* ~ *Cateljna* (1430 Cós 89) e *pulgamjnho* (1383 Alj 53).

Esporadicamente, afloram neste *corpus* as formas *forolljgiam* (1443 Alf 99) e *folorgião* (1528 MA 147). Também excepcionalmente, <r> em posição inicial (ou seja, representando a vibrante múltipla) vem substituído por <l>, podendo, neste contexto, constituir um lapso de

⁸ Exemplos esporádicos atestam igualmente fenómenos de dissimilação consonântica que transformam *l* em *d*. Referimo-nos às formas *demetadao* (1478 MA 123) e *demjte* (1448 Ped 102), que alternam, sensivelmente na mesma etapa epocal, com *lemjte* (1459 MA 111) e *limjte* (1459 MA 110). A forma *dexado* (1536 SC 150), que coexiste, no mesmo documento, com *leyxam*, surge apenas tardiamente, representando 2,9 % do total de ocorrências destas formas verbais. A forma geralmente representada ao longo desta colecção documental é *leixar/leyxar*, tendo sido, igualmente, um fenómeno de dissimilação consonântica que transformou *l* em *d*.

⁹ Segundo José Leite de Vasconcelos, trata-se de «dissimilação de *Catarina* □ *Catharina*, nome derivado do gr. (...)» (Vasconcelos, 1928: 56).



copista: *leal* ‘real’ (1453 MA 107). Encontra-se, ainda, a atracção da vibrante da sílaba pretónica para a sílaba átona inicial: *Grauyel/Graujel* (1460 MA 113).

2.3.2 Metátese entre *l* e *r*

Como tem sido referido, parece ter sido perpetuado um “mito” à volta da metátese, caracterizando-a como fenómeno marginal, irregular e restrito à linguagem das crianças e a erros de performance linguística (Hume 2001: 1). Embora menos comum do que outros processos que afetam os sons da linguagem, a metátese tem vindo a ser alvo de pesquisas recentes que a atestam como um processo fonológico regular numa ampla variedade de línguas. De facto, embora pouco estudado, é um fenómeno universal e, muito frequentemente, envolve consoantes líquidas, aquelas que apresentam mais instabilidade. No português do Brasil, a metátese está relacionada com o nível de instrução. Assim, parece que se trata de um fenómeno que, quer no Português europeu, quer no Português do Brasil, apresenta apenas variação diastrática.

O que os dados históricos revelam é que a partir de 1383, a metátese entre *l* e *r* revela-se extremamente produtiva e, a partir de meados do século XV, é mais frequente em documentos oriundos das zonas mais rurais e periféricas. Assim, a última abonação da forma etimológica historicamente representante de CLĒRICU- data de 1403, uma vez que a partir da década de oitenta do século XIV começa a ser substituída pela forma metatizada:

creligo (1383 Alj 53; 1393 Alj 61; 1402 MA 67; 1425 MA 84, 2 v.), *crelligo* (1472 TC 120), *crelygo* (1450 Alv 104) e *crellygo* (1450 Alv 104).

2.3.3 Grupos constituídos por consoante + lateral

Em algumas formas que continham o grupo latino KL- em posição inicial, verifica-se a transformação da lateral em vibrante, por vezes devido a um fenómeno assimilatório:



craro (1527 MA 146, 2 v.), *crafta* (< CLAUSTRA-) ‘claustro’ (1428 MA 87; 1490 MA 131), *c[r]afulas* (1377 Alv 50; 1380 Alv 52), *c[r]a[u]ffulas* (1450 Alv 104), *c[r]a[u]ffullas* (1450 Alv 104), *crausollas* (1541 Sal 152), *Cremête* (1328 Alv 20; 1422 MA 82; 1425 MA 84; 1491 Alj 132), *Cremente* (1402 MA 67; 1419 MA 79), *c[re]rigo* (1291 Alc 2), *crerygo* (1491 Alj 133), *creuguo* (1526 Ped 145), *sobre craftas* (1521 Ped 143).

O mesmo acontece quando esse grupo (ou o grupo GL) se encontra em posição interior intervocálica:

concrufo (1460 MA 113), *decrarada* (1487 PP 129), *êc[re]fyaficaσ* (1478 MA 122; 1478 MA 123), *ec[re]fyaficos* (1425 MA 84), *hecrefyaficaσ* (1479 MA 124), *neg[re]gençia* (1291 Alc 2), *neg[re]gençja* (1450 Alv 104), *negrigençiaσ* (1479 MA 124), *neg[r]igentes* (1334 Alf 25), etc.

Quanto ao grupo PL- do étimo PLACERE, só excepcionalmente foi conservado nos seus derivados, não ultrapassando essa manutenção a percentagem de 6%: *plaziuel* (1291 Alc 3) e *plazimêto* (1412 Ped 74), convivendo, neste último documento, com *prazimêto*. O mesmo grupo conserva-se em *plaçã* (< PLATEA) até um pouco mais tardiamente, convivendo as duas variantes no último texto do século XIV: *plaçã* (1388 MA 57), *praçã* (1391 MA 59) e *plaçã ~ Praçã* (1399 MA 65), mas a partir do século XV encontra-se estabelecida, no *corpus* em estudo, a variante com *pr-*.

Importa fazer uma alusão às formas derivadas do representante histórico de PLACĪTU, uma vez que denota uma modalidade jurídica ligada à propriedade, com bastante profusão no mosteiro de Alcobaça: o “emprazamento”. Os dados revelam que entre 1380 e 1425 regista-se cerca de meia centena de formas derivadas daquele étimo, sendo que quase metade conserva totalmente o grupo *pl*¹⁰. De forma completamente isolada, encontra-se a forma *finprezmente* (1472 TC 120), cuja lateral do grupo PL- foi transformada em vibrante. Quanto ao grupo -BL-, as formas do verbo

¹⁰ Só excepcionalmente as mesmas formas conservam o grupo fora desses limites cronológicos: *enplazar* (1321 Alc 17), *enplazamêto* (1429 MA 88), *enplazarõ* (1429 MA 88) e *plazo* (1438 Ped 95).



obligar e derivados ainda conviveram com *-br-* até 1460, tendo sido a partir desta data suplantadas pela nova variante, que representa, no conjunto, cerca de 64%¹¹. O inverso ocorreu com a forma *publico*, *-a* e derivados: não obstante se registarem formas como *pubrico* (1305 Alp 11) e *pobricou* (1346 Tur 35) na primeira metade do século XIV (em alguns textos oriundos da periferia), a tendência generalizada até aos primeiros trinta anos do século XV é a etimológica. A partir daí os documentos redigidos nos coutos ostentam de novo a variante com a transformação em vibrante do segundo elemento do grupo *-BL-*, por vezes com atracção de vibrante para a sílaba inicial:

*pobiricafe*¹² (1435 Alj 92), *pobricado* (1515 SM 141), *pobricada* (1565 Alc 153), *pobricar* (1515 SM 141), *proujcar* (1526 Ped 145), *proujcara* (1435 Alj 92, 3 v.), *proujcase* (1526 Ped 145), *pub[r]icas* (1430 Cós 89), *pubrica* (1565 Alc 153) e *pubrjca* (1565 Alc 153).

Na tabela seguinte indicam-se, por ordem decrescente, as percentagens da frequência da transformação de *l* em *r*, nos diferentes itens lexicais¹³:

Tabela nº 2. Formas que apresentam transformação de lateral em vibrante

Formas (e variantes)	Transformação de <i>l</i> em <i>r</i> (%)
<i>craro</i>	100
<i>crafta</i> , ‘claustro’	100
<i>sinprezmente</i>	100

¹¹ A última forma registada com o grupo consonântico etimológico é *obligou* (1460 MA 112).

¹² Note-se a existência de *i* anapitífico, à semelhança do que se verifica no Português do Brasil.

¹³ Não consta da tabela a percentagem relativa às formas representantes dos derivados de *PLACITU*, uma vez que, como referimos acima, as formas que preservam *pl-* encontram-se concentradas no leque cronológico compreendido entre 1380 e 1425. Por outro lado, algumas delas contêm o segmento *ra* abreviado, o que deixa sempre alguma margem de dúvida para efeitos estatísticos. O mesmo se aplica às formas provenientes de *PUBLICU*, *-A*, uma vez que em muitos casos se encontram parcialmente abreviadas.



<i>(a)prazer</i> (e derivados)	96
<i>Cremente</i>	75
<i>praça</i>	71
<i>ecrefyasticaσ</i>	67
<i>obrigar</i>	64
<i>negrigençiaoσ</i>	36
<i>concruso</i>	17
<i>crausollas</i>	12 ¹⁴
<i>decrarada</i>	5

Interessante é igualmente apreciar as tendências observadas no que diz respeito à evolução do étimo PLANTĀRE. Num dos primeiros documentos em que aparece a forma historicamente representante deste étimo, surgem duas variantes rivais: *prātedes* e *achātedes* (1324 Alc 18), o que faria prever duas tendências linguísticas paralelas, uma denunciando a palatalização do grupo PL-, a outra a manutenção parcial do mesmo. A verdade é que até aos primeiros anos do século XV os tabeliães que redigiram os documentos da nossa amostra elegeram o tratamento tradicional (palatalização), que a partir daí deixou de se registar. Nesta colecção alcobacense, a variante com conservação total do grupo aflora apenas num documento de meados desse século, para logo dar lugar, a partir de 1460, à forma com manutenção parcial do grupo, aquela que ainda sobrevive hoje na linguagem popular portuguesa e brasileira. Apresenta-se, esquematicamente, a distribuição das percentagens correspondentes aos três tratamentos, no *corpus*, e respetivas cronologias:

¹⁴ Incluímos na contagem as formas resultantes do desenvolvimento de abreviatura que surgem nos documentos de Alvorninha, uma vez que parece ser essa a variante em causa.



Tabela nº 3. Distribuição, no universo do *corpus*, das percentagens correspondentes aos tratamentos de PL- em PLANTĀRE, e respectivas cronologias

Cronologias	PLANTĀRE	%
1324; 1329-1405	<i>ch-</i>	48
1452 (2 v.)	<i>pl-</i>	8
1324; 1460-1505	<i>pr-</i>	44

Além disso, *l* pode aparecer substituído por *r*, nos grupos secundários do tipo -P'L-¹⁵. Nas formas derivadas de POPŪLA-, esse tratamento representa neste *corpus* mais de um terço das ocorrências, sendo que 79% das mesmas situam-se na fase mais antiga da língua, altura em que, pela frequência do acto de outorga de carta de foro aos “povoadores”, estaria sujeita a maior erosão. Um dos seus derivados chega a perfazer 14 ocorrências num documento de 1304: *pobra* (1321 Alc 17; 1329 Evo 22), *pobraçõ* (1330 Tur 23), *pobradores* (1304 Alc 10, 13 v.; 1321 Alc 17; 1324 Alc 18; 1334 Alf 25, 3 v.; 1342 Alf 30), *pobradoref* (1304 Alc 10), mas no último documento desta fase regista-se a flutuação *pobradores* ~ *poboadores* (1342 Alf 30), esta segunda variante atestando um outro tratamento de formas deste tipo, que consistiu na síncope de -L- e conservação de vogal postónica. Mais tardiamente, registam-se formas em que os dois tratamentos (preservação da vogal postónica na palavra-base e preservação do segundo elemento do grupo, agora transformado em vibrante) se entrecruzam: *poboradoreσ* (1467 Mai 117, 3 v.) e *pouoradores* (1527 MA 146, 2 v.). Finalmente, uma forma com esse tipo de tratamento convive com a que evidencia síncope de postónica e atracção de vibrante para junto da sílaba tónica: *povoradores* ~ *provador* (1532 Tur 149).

¹⁵ Relativamente ao grupo secundário G'L, importa fazer uma breve referência à vitalidade da forma *fenhos* (< SINGÜLOS), no período medieval. Estas formas, que revelam a transformação da lateral palatal em nasal palatal por influência da nasal anterior, são as que ocorrem, invariavelmente, no *corpus* agora estudado. A forma *fenhos* ainda era conhecida em Portugal no século XVI. Veja-se, a esse propósito, Maia 1997: 628, nota 1. São os seguintes os exemplos extraídos do nosso *corpus*: *fenhos* (1500 MA 136; 1502 MA 137; 1505 MA 138; 1507 MA 139).



Interessa referir que a forma historicamente representante de CLERĪCU- também oferece a manutenção da lateral do grupo KL-, com a vibrante da sílaba seguinte transformada em lateral, por assimilação consonântica: *cleeligo* (1485 MA 128) e *clleljguo* (1435 Alj 92). Revela-se pertinente analisar o percurso desta forma, bastante frequente no *corpus*, e uma das que mais transformações sofreram na linguagem tabeliônica. Assim, e tendo em conta o carácter plurissecular das mudanças linguísticas, podemos apresentar para o representante do étimo CLERĪCU- as seguintes abonações:

Tabela nº 4. Evolução da forma historicamente resultante de CLERĪCU-, ao longo do *corpus*

Forma etimológica	Metátese	Assimilações	Metátese- síncope- -velarização
<i>clerigo</i> (1289-1403)	<i>crelgo</i>	<i>crerigo</i> ¹⁶ / <i>clelgo</i>	<i>creuguo</i> ¹⁷
18 v.	(1383- 1450)	(1435-1500)	(1526)
<i>cleerigo</i> (1471 MA 119)	8 v.	3 v.	1 v.

2.4. Conservação de N e L intervocálicos: moçarabismos

Como é sabido, a síncope de -L- e -N- intervocálicos é um fenómeno exclusivo do galego-português, dentro do quadro das línguas peninsulares. Porém, o aparecimento de formas com manutenção destas consoantes, não apenas em documentos primitivos mas igualmente nos que foram redigidos mais tardiamente, autorizam a concluir que a sua conservação em alguns tipos lexicais foi uma realidade linguística até aos finais do século XV. Apresentamos a seguir os dados que falam a favor da manutenção de -N-:

¹⁶ A forma *c[re]rigo* já aparece no documento 1291 Alc 2, que é, como se sabe, extremamente inovador.

¹⁷ A partir da forma *crelgo*, documentada em vários textos medievais.



Tabela nº 5. Apresentação das formas que conservam N intervocálico

CONSERVAÇÃO E DESAPARECIMENTO DE -N-			
Documento	Formas	Documento	Formas
1305 Alp 11	<i>molneiro</i> ¹⁸	1478 MA	<i>moleiro</i>
		123	
1465 MA	<i>ponente</i>	1490 MA	<i>poente</i>
116		131	
1495 MA	<i>ponente</i>	1528 MA	<i>poente</i>
134		147	

Como se verifica, a conservação de -N- até finais do século XV¹⁹ regista-se num termo que designa um ponto cardeal. Observemos, agora, as formas que revelam a preservação de -L-:

Tabela nº 6. Apresentação das formas que conservam L intervocálico

CONSERVAÇÃO E DESAPARECIMENTO DE -L-			
Documento	Formas com conservação de -L-	Documento	Formas com síncope de -L-
1291 Alc 2	<i>folamête</i>	1467 Mai	<i>foomête</i>
		117	
1297 Cós 4	<i>folam[en]te</i>	1482 MA	<i>fom[en]te</i>
		125	
1324 Alc 18	<i>folamête</i>	1495 MA	<i>fom[en]te</i>
		134	
1332 Alc 24	<i>folam[ẽ]te</i>	1505 MA	<i>foment[e]</i> , 3 v.
		138	

¹⁸ Do étimo MOLINARIU. Repare-se que se conservou o *n* após ter desaparecido a vogal pretónica.

¹⁹ Na colecção de documentos de HGP (Maia, 1997²), a frequência de formas com *n* em textos portugueses é esporádica e verifica-se apenas durante o século XIII e primeira metade do século XIV.



1363 MA 45	<i>folam[ẽ]t[e]</i>	1507 MA	<i>foment[e];</i>
		139	<i>fom[en]te</i>
1388 MA 57	<i>utiles</i>	1515 SM	<i>foomemte</i>
		141	
1388 MA 58	<i>folam[en]te</i>	1519 MA	<i>fobm[ẽ]te</i>
		142	
1397 MA 63	<i>folam[ẽ]t[e], 2 v</i>	1522 MA	<i>somẽte</i>
		144	
1397 MA 64	<i>folam[ẽ]t[e]</i>	1527 MA	<i>somẽte</i>
		146	
1399 MA 65	<i>utiles</i>	1528 MA	<i>fomente</i>
		147	
1399 MA 66	<i>folam[ẽ]t[e]</i>		
1408 MA 71	<i>folam[en]te</i>		
1413 MA 75	<i>folament[e]</i>		
1419 MA 79	<i>ffolamẽt[e]</i>		
1479 MA 124	<i>caaleσ</i>		

Os dados aduzidos permitem concluir que só a partir da segunda metade do século XV o *l* desapareceu no advérbio *folamente*, que evidencia, normalmente, um tratamento semelhante ao que se regista no castelhano atual²⁰. Por outro lado, a forma adjectival *utiles*, cujo lexema termina em *-il* átono, parece não ter conhecido, ao longo do período que nos ocupa, a síncope de *-l*²¹. Importa, pois, evocar a opinião de Clarinda Maia, a propósito do aparecimento de formas com manutenção de *-l-* em textos da Galiza: «Sendo assim, parece-me mais provável supor que se

²⁰ Segundo Ramón Lorenzo, tratar-se-á de cultismos: «Outras palabras, como *solamente*, de enorme uso, hai que explicalas por cultismo» (Lorenzo, 1987: 468).

²¹ Recordamos o que sobre o assunto afirmámos em 1998, em comunicação ao XIV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística: «[...] inúmeros nomes e adjectivos preservaram em muitos dos nossos clássicos o *l* intervocálico, acabando por tornar-se cultismos. Na sua grande maioria, trata-se de lexemas com a vogal átona *i* a preceder a lateral: *dóciles*, *estábiles*, *estériles*, *fáciles*, *fértiles*, *habiles*, *reales* e *terribiles*, são alguns exemplos». Cf. Carvalho, 1999: I, 272. As formas agora apresentadas aconselham a defender a possibilidade de um tipo de tratamento semelhante ao da língua castelhana. Parece ter favorecido essa manutenção o contexto átono da terminação.



trata de formas reais da língua falada da época que sobreviveram lado a lado com as mais correntes com síncope de *-l-*» (Maia, 1997: 572-573). Pela nossa parte, consideramos os moçarabismos de uso corrente, e a sua existência em alguns subsistemas lexicais parece ter coincido com a presença árabe no sul da península. Curiosamente, o último lexema com *-N-* conservado (*ponente*, 1495) desaparece dos textos por altura da expulsão dos Árabes do sul de Espanha.

3. Conclusões

A necessidade de fazer acompanhar qualquer estudo sobre as atuais variedades do português de uma perspectiva diacrónica é inegável para qualquer tipo de fenómeno, pois não pode haver dúvidas de que alguns traços comuns hoje a algumas áreas do espaço lusófono vêm todos de uma mesma forma portuguesa/continental disseminada simultaneamente por essas zonas durante a sua colonização. Embora a perceção da existência de traços fonéticos caracterizadores de áreas geográficas fosse completamente estranha ao homem medieval, é legítimo questionar a existência, ao longo da Idade Média, das tais “linhas imaginárias” que traçam os limites geográficos de determinado fenómeno. Os dados relativos a alguns aspetos fonéticos analisados parecem evidenciar que na maior parte dos casos não existiam ainda “fronteiras dialectais”, levando a admitir a hipótese de terem sido fenómenos externos à língua e posteriores ao período medieval (como o grau de isolamento, o sentimento de “identidade”, o afastamento relativamente aos centros de cultura e de *normatização* linguística) que conduziram à sua fixação no território nacional. O que se pode dizer, sem sombra de dúvida, é que entre o último quartel do século XIV e cerca de meados do século XV desenvolveram-se algumas particularidades hoje consideradas socioletais ou dialetais (ditongação de *i* tónico ou átono, metátese entre *l* e *r*, por exemplo), que a língua escrita tenderia eventualmente a ocultar. Mas foi também a partir dessa data que desapareceram alguns moçarabismos da língua corrente e se desenvolveu a velarização de *l* em posição final, que iria ser transportada para a variedade brasileira.

Estas constatações vêm, portanto, acentuar a necessidade de um enquadramento histórico e geo-sociocultural de qualquer fenómeno linguístico que apresente atualmente variação no espaço



lusófono, e, por isso, realçar a importância da interdisciplinaridade (Geografia/História/Sociologia) na sua descrição.

Referências

- Araújo, Maria José (2011) Visão sobre a metátese: da aquisição à linguagem adulta. *eLingUp* (*Revista electrónica de Linguística dos estudantes da Universidade do Porto*), 3 (1), pp. 78-99. (http://cl.up.pt/elingup/vol3n1/article/article_6.pdf). [Consultado em 9 de abril de 2015].
- Boléo, Manuel de Paiva (1974) Dialectologia e história da língua. Isoglossas portuguesas. In: Manuel de Paiva Boléo (org.), *Estudos de linguística portuguesa e românica*, I (I). Coimbra, pp. 185-250.
- Blevins, J. Garrett, A. (2004) The evolution of metathesis. In: Hayes, B.; R. Kirchner; D. Steriade (Eds.) *Phonetically Based Phonology*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 117-156.
- Carvalho, Maria José (1999) A alomorfa no plural dos nomes de lexema em *-l*: um estudo de morfologia histórica portuguesa. In: A. C. Macário Lopes e C. Martins (ed.), *Actas do XIV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística (Aveiro, 28-30 de Setembro de 1998)*, I. Braga: APL, pp. 265-281.
- Carvalho, Maria José S. Pereira de (2006) *Documentação medieval do mosteiro de Santa Maria de Alcobaça (sécs. XIII-XVI). Edição e estudo linguístico*. Dissertação de doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra [inédita].
- Cintra, Luís F. Lindley (1962) *Áreas lexicais no território português*. Separata do *Boletim de Filologia*, 20. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos, pp. 1-35.
- Dermeval da Hora, Stella Telles, Valéria N. O. Monaretto (2007) Português brasileiro: uma língua de metátese? *Letras de hoje*. Porto Alegre, 42 (3), pp. 178-196. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/viewFile/2799/2138>. [Consultado em 9 de abril de 2015].
- Huber, Joseph (1986) *Gramática do Português antigo*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.



- Hume, Elizabeth (2001) Metathesis: Formal and Funcional Considerations [PDF]. To appear in: Elizabeth Hume, Norval Smith & Jeroen van de Weijer, *Surface Syllable Structure and Segment Sequencing*. HIL Occasional papers. Leiden, NL: HIL, pp. 1-25 (<http://roa.rutgers.edu/files/492-0202/492-0202-HUME-0-0.PDF>). [Consultado em 9 de abril de 2015].
- Lorenzo, Ramón (1987): Algunhas consideracións sobre a *História do Galego-Portugués* de Clarinda de Azevedo Maia, *Verba. Anuario Galego de Filoloxía* 14, pp. 441-488.
- Maia, Clarinda de Azevedo (1997²) *História do galego-português. Estado linguístico da Galiza e do Noroeste peninsular desde o século XIII ao século XVI*. Lisboa: FCG e JNICT.
- Mattoso, José (1993) (dir.), *História de Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores, vol. II.
- Ribeiro, Orlando (1965) *A propósito de áreas lexicais no território português (Algumas reflexões acerca do seu condicionamento)*. Separata do *Boletim de Filologia* 21, pp. 177-206.
- Sletsjøe, Leif (1954-1955) L'écriture *ll* pour *l* – signe de vélarité en ancien portugais? *Boletim de Filologia* 15, pp. 1-15.
- Vasconcelos, José Leite (1928) *Antroponímia portuguesa. Tratado comparativo da origem, significação, classificação e vida do conjunto dos nomes próprios, sobrenomes e apelidos usados por nós desde a idade média até hoje*. Lisboa.
- Vázquez Cuesta, Pilar e Maria Albertina Mendes da Luz (1971) *Gramática portuguesa*. Tercera edición corregida y aumentada por Pilar Vázquez Cuesta. 2 vols. Madrid: Editorial Gredos.
- Williams, Edwin B (1962) *From Latin to Portuguese. Historical Phonology and Morphology of the Portuguese Language*. Second Edition. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.

